

A Renamo nos EUA: Quem dá mais?

Nancy Pierce



O senador Jesse Helms, ultraconservador, defende a ajuda dos EUA à Renamo

Carlos Cardoso

A diplomata norte-americana Melissa Wells nunca poderia imaginar que tornar-se-ia no centro de uma complicada disputa entre o Departamento de Estado e a ultradireita norte-americana em torno da política da administração Reagan em relação a Moçambique. Melissa foi nomeada em Novembro do ano passado para a embaixada do seu país em Maputo, mas até agosto último seu nome não havia sido aprovado no Senado norte-americano devido ao bloqueio parlamentar organizado por 28 senadores liderados pelo ultraconservador Jesse Helms (da Carolina do Norte). Helms quer fazer o que alguns políticos no Congresso já classificaram de *horse trading* (negócio de cavalos). Esse adjetivo, pouco lisonjeiro, expressaria simplesmente uma negociata para a aprovação do nome da nova embaixadora em troca do estabelecimento de contatos oficiais entre o governo dos Estados Unidos e o grupo terrorista Renamo.

O episódio da senhora Wells foi extremamente pródigo em evidências sobre como questões domésticas e pessoais influenciam as grandes decisões norte-americanas em matéria de políti-

ca internacional, sobretudo no que se refere às relações com países do Terceiro Mundo. Nos debates públicos e privados em torno da indicação da nova embaixadora norte-americana em Maputo surgiram desde questões étnicas sobre o lugar de nascimento da diplomata, suas leituras e posições assumidas em cargos anteriores, até a aberta negociata de cargos e favores entre políticos e altos funcionários do governo.

No depoimento de Melissa Wells perante a comissão do Senado, que aprova as nomeações de embaixadores, os integrantes do grupo de Jesse Helms provocaram risos no plenário ao fazerem perguntas tais como: se a diplomata já havia lido livros de Marx e Lênin; se ela não estava "contaminada" por esses livros; que tipo de educação dá a seus filhos etc. O objetivo dos ultraconservadores era tentar mostrar que a senhora Wells era "liberal demais", rótulo que foi criado pelo senador Helms e que aparentemente tem origem no currículo profissional da provável nova chefe da embaixada dos Estados Unidos em Maputo. Melissa foi assessora do ex-embaixador dos EUA na ONU, Andrew Young (hoje, um crítico do *apartheid*), foi representante do Pnud (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) em Uganda e, para irri-

tação do *lobby* direitista, nasceu na Lituânia, hoje uma das repúblicas da União Soviética.

Mas a parte mais polêmica do depoimento da embaixadora foi no momento em que os senadores a interrogaram sobre a Renamo. "A julgar pelas ações e não pelos comunicados do grupo – disse ela –, os membros da Renamo não podem ser classificados de nacionalistas, nem demonstraram capacidade de conquistar, preservar e administrar territórios. Não tem programa político nem outra estrutura interna, a não ser a militar, que demonstre que eles têm uma base real no país". Jesse Helms perguntou também por que o Departamento de Estado mantém contatos com o Congresso Nacional Africano (ANC), a maior organização anti-racista da África do Sul, e não com a Renamo. A diplomata respondeu que o ANC só optou pela luta armada após décadas de ação pacífica, além de ter um amplo apoio popular interno, "enquanto a Renamo foi organizada, treinada e equipada primeiro pelo serviço secreto da antiga Rodésia (hoje, o Zimbábue) e depois transferida para o controle sul-africano".

Para Melissa Wells, "o passado dos membros da Renamo indica falta de preocupação pelo sofrimento do povo de Moçambique", ao mesmo tempo em que criticou os ataques dos bandos armados a camiónes que transportam ajuda aos refugiados, fornecida pela organização assistencial norte-americana Care.

A embaixadora disse que as relações entre os Estados Unidos e Moçambique melhoraram depois que o governo de Maputo passou a receber assistência militar da Inglaterra; aceitou entrar para o FMI; liberalizou parte da sua economia; passou a se abster nas votações na ONU em questões como a divisão das duas Alemanhas, Afeganistão e Camboja; assinou um acordo de paz com a África do Sul; permitiu uma maior representação de políticos independentes na Assembléia Nacional e melhorou o relacionamento entre o Estado e a igreja. Sobre as relações entre Moçambique e a União Soviética, a senhora Wells teve o cuidado de afirmar ao senador Helms que "o governo moçambicano nunca tinha afirmado que abandonaria seu projeto socialista, mas passou a incentivar a iniciativa privada, não



"Os membros da Renamo não se preocupam com o sofrimento do povo moçambicano"

permitiu a instalação de bases militares soviéticas em seu território e orientou sua política externa pelo não-alinhamento".

O jogo de vantagens

A posição de Jesse Helms de procurar por todos os meios o reconhecimento da Renamo pelo Departamento de Estado tem origem principalmente no *lobby* da Heritage Foundation, um dos principais núcleos de pressão da extrema-direita norte-americana. A Heritage, inclusive, cedeu uma sala dos seus escritórios em Washington para a Renamo e foi quem distribuiu à imprensa nos Estados Unidos artigos afirmando que o grupo terrorista moçambicano controla 80% do território do país.

Helms também tem ligações com o governo da África do Sul, mas o esforço do senador pela Carolina do Norte tem sido parcialmente frustrado pelas sucessivas vitórias alcançadas pelo exército regular moçambicano e por forças aliadas do Zimbábue e Tanzânia. Os reveses mais recentes sofridos pela Renamo em Moçambique mostram que a organização não tem nenhuma "zona sob controle" e que seus adeptos não obedecem a nenhum comando centralizado, tanto que vários grupos agem por conta própria. O recente massacre de 388 civis na cidade de Homoine mostrou o tipo de ação desenvolvido pelos bandos armados e deu ao Departamento de Estado motivos para insistir na sua po-

lítica de evitar contatos diretos com a Renamo.

Mas o *horse trading* em torno dos terroristas moçambicanos, na verdade, é profundamente influenciado pelo jogo interno em Washington. Helms já deixou claro que abre mão do bloqueio à indicação da senhora Wells se o Departamento de Estado aceitar contatos com a Renamo. O senador ultraconservador poderá, no entanto, ser obrigado a fazer concessões caso o seu colega Edward Kennedy cumpra a ameaça de bloquear a nomeação de Helms para um alto cargo no Poder Judiciário.

Outro exemplo que comprova o peso dos interesses pessoais nas questões diplomáticas foi dado pelo senador republicano Robert Dole. Ele é candidato a candidato na sucessão de Ronald Reagan e, por causa disso, resolveu aproximar-se da ultradireita do seu partido, votando com Helms. Dole pediu que parte da ajuda alimentar norte-americana a Moçambique fosse entregue diretamente à Renamo mas, diante das péssimas repercussões do seu gesto, acabou recuando parcialmente. O colunista do *New York Times*, Anthony Lewis, muito respeitado nos círculos de poder da capital norte-americana, criticou o "oportunismo" de Dole e aconselhou-o a mudar de posição porque "a sua aliança com a direita somente contribui para isolar a América da África".

Enquanto políticos como Jesse Helms procuram levar a política dos Esta-

dos Unidos na África claramente para uma posição clássica de luta entre o bem e o mal, diplomatas, como o subsecretário de Assuntos Africanos, Chester Crocker, defendem uma linha mais sofisticada. Segundo Crocker, a "política de compromisso construtivo adotada em relação a Moçambique conseguiu afastar Maputo de Moscovo". Na verdade, trata-se de um argumento para uso interno no Departamento de Estado e no Congresso, pois Moçambique nunca "satélite" de Moscovo. O chefe de Chester Crocker, o secretário de Estado George Schultz, também defende essa linha de "compromisso construtivo" e já se opôs em mais de

uma oportunidade ao vice-presidente George Bush (também candidato a candidato à sucessão de Reagan), que vê com bons olhos a aproximação com a Renamo.

O próprio Reagan tem-se mostrado satisfeito com o andamento das relações com Moçambique, atendendo a alguns conselhos que lhe foram dados por sua filha Maureen, que representou o pai no enterro do presidente Samora Machel, em Novembro do ano passado em Maputo. Por sua vez, Moçambique, envolvido numa luta diária contra o seu inimigo, o sistema do *apartheid*, optou pelo fortalecimento das suas relações com o grupo nos Estados Unidos que

defende um entendimento entre Washington e Maputo. Isso está sendo feito em relação aos demais países do mundo, e esse relacionamento especial com alguns setores de Washington teve o mérito de impedir o uso da ajuda alimentar como arma política. Diplomatas moçambicanos garantem que "se for possível evitar que facções políticas norte-americanas apoiem ativamente a Renamo, terá sido dado um passo de extrema importância para que o *apartheid* acabe com aquilo que Samora Machel classificou como "ciclo de violência na África Austral". ●

Editado e condensado por Carlos Castilho
